

Programa de Pós-Graduação em Educação
 Universidade do Estado do Mato Grosso
 Cáceres - Mato Grosso - Brasil

Revista da Faculdade de Educação. Vol.37 - N.01 (JAN /JUL) / 2022
 ISSN: 2178-7476



A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PEDAGOGO/A: UMA PERSPECTIVA FREIREANA

THE PEDAGOGICAL PRACTICE OF THE PEDAGOGUE: A FREIREIAN PERSPECTIVE

Ademar de Lima Carvalho

Universidade Federal de Rondonópolis/MT.
<https://orcid.org/0000-0001-6001-7435>

Janaína Szpakowski

Diretoria Regional de Educação – Polo Primavera do Leste/MT
<https://orcid.org/0000-0003-4482-5613>

Márcia Inês de Souza

Diretoria Regional de Educação – Polo Primavera do Leste/MT
<https://orcid.org/0000-0001-9723-3086>

RESUMO: A produção desse artigo emerge de um diálogo do Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho, da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR/MT), com os professores/as pedagogos/as, na formação continuada desenvolvida pelas professoras formadoras da Diretoria Regional de Educação (DRE), de Primavera do Leste/MT. A formação acontece em um contexto de ensino remoto, impulsionado pela pandemia da Covid-19. Tem como centralidade o desenvolvimento da prática pedagógica dos professores, como atividade formadora, efetivada a partir da concepção de que o ato de educar é uma ação realizada com e entre seres humanos. O artigo evidencia as contribuições da teoria freireana na perspectiva da construção de uma prática educativa guiada por princípios humanizadores que permeiam a coerência, a reflexão, a esperança e o diálogo como virtudes necessárias à emancipação dos sujeitos enquanto protagonistas de seu quefazer pedagógico.

Palavras-chave: prática pedagógica, formação continuada, Paulo Freire.

ABSTRACT: The production of this article emerged from a dialogue with professor Dr. Ademar de Lima Carvalho, from federal university of Rondonópolis (UFR/MT), with the pedagogue professors, in continuing education developed by the professors trainers of the Regional Board of Education (DRE), from Primavera do Leste/MT. The teaching takes place in a remote learning context, promoted by pandemic of Covid-19. Its centrality is the development of the pedagogical practice of teachers, as an activity trainer, carried out from the conception that the act of educating is an action performed with and among human beings. The article highlights the contributions of Freire's theory in the perspective of building a practice educational guided by humanizing principles that permeate the coherence, the reflection, the hope and the dialogues as necessary virtues for the emancipation of subjects as protagonists of their what to do pedagogical.

KEYWORDS: pedagogical practice, continuing education, Paulo Freire.

Introdução

A Formação Continuada dos professores pedagogos desenvolvida pelas professoras formadoras da Diretoria Regional de Educação (DRE), de Primavera do Leste/MT, no ano de 2021, foi realizada de forma online pelo Google Meet, devido ao isolamento social exigido pela pandemia da Covid-19. A referida DRE atende professores de 40 escolas estaduais, distribuídos em seis municípios, quais sejam: Primavera do Leste, Poxoréu, Campo Verde, Paranatinga, Santo Antônio do Leste e Gaúcha do Norte.

A formação acontece semanalmente, com duração de 2 horas, e tem por objetivo subsidiar teoricamente os professores no processo de ensino-aprendizagem, a partir dos temas trabalhados. São abordadas diversas questões como a discussão dos orientativos advindos da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) e os resultados das avaliações externas, realizadas com os alunos, bem como, abordam temáticas de caráter pedagógico/metodológico, tendo como centralidade o desenvolvimento da prática pedagógica dos professores, como atividade formadora, efetivada a partir da concepção de que o ato de educar é uma ação realizada com e entre seres humanos. Nesta perspectiva, convidamos o Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho (UFR/MT), a estar presente conosco em um encontro da formação para problematizar as contribuições da teoria freireana como possibilidade para construir coletivamente a prática pedagógica do/a pedagogo/a, numa perspectiva crítico-transformadora.

Desse modo, esta produção caracteriza-se como uma síntese construtiva da reflexão que evidencia o movimento teórico que permeou todo o diálogo formativo.

O pensar pedagógico na perspectiva freireana

No processo formativo na escola, o primeiro ponto a ser considerado ao falar da pedagogia, escola e prática pedagógica, tomando como sujeito o pedagogo/a, é que a vida, a prática, não acontece no vazio, mas num tempo e contexto histórico, fundamentada numa compreensão vinculada a diferentes experiências e cosmovisão. O segundo ponto, a ser destacado é que, “o docente se encontra mais perdido hoje, num cenário que tem uma modificação absolutamente acelerada” (CORTELLA, 2014, p. 30), que sem dúvida interfere no contexto da prática. Um terceiro ponto, o processo de ensino-aprendizagem, como tensão desafiadora da prática pedagógica na escola, requer a presença amorosa e criativa do/a professor/a mobilizando, afetiva e efetivamente, a ação coletiva geradora da cumplicidade e do pertencimento, ao processo formativo e investigativo centrado na escola, como espaço do/a professor/a.

Neste contexto social, complexo e contraditório, pode ser que há algo comum que remete a mesma realidade. Porém, o ponto de partida é sempre o da experiência, concepção concreta de uma base teórica-metodológica. A prática tem convergência e divergência, por isso que a reflexão se fundamenta num aporte teórico- metodológico, o método dialético-dialógico, que impulsiona a construção individual e coletiva, porque todo conhecimento é fruto da prática social. O singular é que, na diversidade da reflexão filosófica sobre a temática educação, pedagogia e escola, política pública, pode-se extrair consequência, ética-política para a ação humana, sobretudo do estudante, no processo de ensino-aprendizagem.

No contexto da prática pedagógica, a relação com o outro depende da compreensão que se tem do aporte teórico que envolve: concepção de ser humano e educação, organização do trabalho pedagógico na escola e experiência do trabalho docente. Essas compreensões podem conduzir para alienação ou formação da consciência crítica. A reflexão aqui está fundamentada no aporte teórico da pedagogia histórico-crítica. Na visão de Freire (2018),

Antes de tudo, não é possível exercer a tarefa educativa sem nos perguntarmos, como educadores e educadoras, qual é nossa concepção do homem e da mulher. Toda prática educativa implica na indagação: que penso de mim mesmos e dos outros? Faz tempo, em *Pedagogia do Oprimido*, analisei o que ali denominava a busca de Ser Mais. Nesse livro,

defini o homem e a mulher como seres históricos que se fazem e se refazem socialmente (FREIRE, 2018, p. 25, grifo do autor).

Refletimos a partir do pressuposto de que o/a pedagogo/a, tem um papel fundamental no processo de educabilidade da nova geração, sobretudo, no processo de ensinar com sentido e significado que cria as condições pedagógicas, para que o estudante assuma a condição de sujeito de seu próprio processo de aprendizagem.

O ponto de partida da reflexão alicerça-se na compreensão de que a docência se faz pela pedagogia enquanto práxis educativa. Isso significa que no substrato da prática pedagógica, “se não houver o exercício da práxis que renova e rearticula a teoria e prática, não haverá espaço para a construção de saberes” (FRANCO, 2008, p.132-133). Nesse movimento, defende-se a educação como saber necessário, que impulsiona o ser humano à reflexão sobre a construção de sua autonomia e exercício pleno da cidadania. Isso implica concebê-la como práxis social que mobiliza o sujeito a envolver-se na relação ativa com o outro e com a transformação social. O que faz entender que no contexto da sala de aula, o processo de ensino requer a presença mediadora do/a professor/a para construção de aprendizagem significativa, como ato de dizer a sua palavra, como exigência de resposta da busca permanente do conhecimento, numa ação reflexiva que potencializa a curiosidade epistemológica, que conduz a práxis emancipadora e libertadora.

A questão central para ser compreendida, como declara Franco (2008, p.133) é que “na práxis sujeito e realidade dialogam, se transformam e são por ela transformados”. Neste ponto deparamos com o primeiro desafio a ser observado no ensino desenvolvido nos diferentes contextos da escola, sobretudo no que referente ao remoto, tendo em vista que está focado na heutagogia¹ e avaliação abstrata, dissociadas da amorosidade, escuta e diálogo, que se faz proximidade, no espaço da sala de aula, que implica pensar a relação dialética entre o professor e estudante.

Nessa visão de que o estudante é a própria guia que determina a sua aprendizagem, no âmbito do ensino que faz ausente o estudante da mediação pedagógica no espaço da sala de aula, passa ser a condição para descolarização da escola e descaracterização da importância do papel docente, colocando o foco no indivíduo, na perspectiva de construção do paradigma de educação adaptado ao sistema instrumental da tecnologia e da métrica da meritocracia. O que faz com que, a prática pedagógica virtual, no contexto da política de educação, desafia o fazer docente, porque o coloca na condição do limite do trabalho coletivo e mediação para a aprendizagem social do estudante, enquanto sujeito na relação de escuta e diálogo na comunidade de investigação, em que todos estão envolvidos num ato de reflexão e construção de saber. Por isso que a política pública de educação tem a responsabilidade social de garantir a formação permanente centrada na escola.

Contudo, é importante o acesso ao conteúdo, conhecimento produzido na história, mas o que está problematizando o trabalho docente, no contexto da pandemia que limita o pedagógico ao ensino remoto, é a organização do ato pedagógico que mobiliza o ensino para pensar certo, enquanto ação que potencializa o estudante à assunção de sujeito social. Nela, exige a presença ativa do/a professor/a, porque no exercício da docência é o/a professor/a que problematiza o conhecimento, associando-a leitura crítica da realidade.

Nessa perspectiva, “Quanto mais pensamos no que é ensinar, o que é aprender, tanto mais descobrimos que não há uma coisa sem outra, que os momentos são simultâneos, que se complementam, de tal maneira que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2018, p. 40). Neste processo de ensino-aprendizagem, para que o pedagogo/a exerça a função de mediador do conhecimento na sala de aula, na coordenação pedagógica ou na articulação da formação centrada na escola, carece de fundamentação teórica da pedagogia.

Dessa forma, o trabalho do/a pedagogo/a, ganha sentido na mobilização da práxis libertadora. “Práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação. Com efeito, enquanto a atividade animal, realizada sem práxis, não

¹ É uma abordagem educacional em que o estudante é o único responsável pela aprendizagem, podendo definir o que saber e como aprender. Fonte: <https://www.educabrasil.com.br/heutagogia/>

implica criação, a transformação exercida pelos homens a implica” (FREIRE, 1988, p. 92). A prática pedagógica do/a pedagogo/a na escola, se situa em que contexto do pensamento educativo de Freire?

Pensamos que o desafio para ensinar, neste tempo não está reduzido, apenas ao ensino em que o estudante não se faz presente na relação pedagógica na sala de aula. É importante não deixar de lado, a questão da complexidade social, cultural, política instituída. Além do desafio do tempo assíncrono e gestão da aprendizagem, soma-se a renúncia da utopia e da história como possibilidades de construção de um mundo justo e fraterno para a humanidade. No espaço de contradição, é importante a tomada de consciência, que o educador/a, pode servir a dois projetos, porém, na prática não tem compromisso com nenhum, percebe-se o resultado, na qualidade da docência e aprendizagem significativa. Ao contrário, o/a educador/a freireano/a, tem compromisso com a educação libertadora que mobiliza para a transformação social.

Para Freire é indispensável que o/a educador/a viva e tenha uma prática ética junto aos estudantes, a fim de que possa potencializar a inclusão e desenvolver a curiosidade epistemológica. Para tanto, faz-se necessário colocar-se no processo na condição de sujeito que está sendo.

Em função e em resposta á nossa própria condição humana, como seres conscientes, curiosos e críticos, a prática do educador, da educadora, consiste em lutar pela pedagogia crítica que nos dê instrumentos para nos assumirmos como sujeitos da História. Prática que deverá basear-se na solidariedade. Talvez nunca como neste momento necessitamos tanto da significação e da prática da solidariedade (FREIRE, 2018, p. 34),

No pensamento de educação de Freire está a construção de uma concepção de ser humano livre e emancipado, por isso que a reflexão do processo pedagógico libertador implica a necessidade da práxis para transformação do mundo desigual, em mundo para o bem-viver. Nesse aspecto, salienta-se que a prática pedagógica do pedagogo/a, não se faz neutra, porque é próprio da natureza, da essencialidade da prática educativa, pois,

é a natureza mesma da prática educativa que conduz o educador a ser político. Como educador, eu não sou político porque quero e sim porque minha condição de educador me impõe. [...] A politicidade é então inerente à prática educativa. Isto significa que como professor devo ter minhas opções políticas próprias e claras, meus sonhos (FREIRE, 2018, p. 42).

O que significa que o pedagogo/a freireano/a, tem a ousadia de fundamentar a sua práxis no projeto de educação cidadã, que considera o estudante como sujeito. A mediação pedagógica, que está em consonância com essa concepção, sobretudo, no ensino remoto, exige que o educador/a seja esperançoso/a, para estabelecer a conectividade, que restabeleça a mobilização do estudante ao encantamento com o estudo que impulsiona e potencializa a curiosidade epistemológica, na perspectiva de retomada da motivação para aprender. “O método dialógico enfatiza o pensamento crítico e a politização, a consciência histórica e a transformação social” (SHOR, 1986, p. 111), como ato de desejo e vontade que impulsiona a motivação, que eleva a inspiração de realização da dignidade humana.

O educador/a movido no desejo e conectividade do “inédito-viável”, nutrido na convicção do que faz, enquanto agente comprometido/a com a educação para o esclarecimento, humanização e emancipação humana, na complexidade da educação na escola, compreende que a politicidade “revela que, na prática educativa, estética e ética vão de mãos dadas. A prática educativa é bela, como é bela a formação da cultura, a formação de um indivíduo livre. E ao mesmo tempo essa estética é ética, pois trata da moral” (FREIRE, 2018, 42). Por isso, a exigência da proximidade no processo de ensino-aprendizagem, porque a prática educativa se faz com a presença de sujeito num espaço-tempo pedagógico e experiência de conhecer vivenciada pelo educador/a.

Por outro lado, destaca-se que o que está acontecendo, na arena da educação e formação docente é o desaparecimento da reflexão crítica da e sobre a prática pedagógica, como condição para recriação do conhecimento e saberes pedagógicos. Com isso, vai se perdendo a capacidade de aprofundamento teórico como substrato para leitura crítica de mundo, bem como da “formação,

conscientização e reinvenção da escola na perspectiva da gestão democrática” (FREITAS, 2004, p. 147), numa conectividade com a mobilização da identidade dos educadores/a. Por isso, que o tempo de ensino remoto, mesmo mobilizado pela contradição, incertezas e dilemas, até mesmo de solidão no isolamento, precisa ser encarado como um tempo de desafio, para reflexão do sujeito envolvido com a própria formação.

No contexto da pandemia e política orientativa de formação do Estado, o que se apresenta é o esvaziamento dos saberes pedagógicos, como consequência visível está a desconfiguração da afirmação da identidade profissional do pedagogo/a. Logo, a desesperança e desumanização fortalece a institucionalização da educação da perversidade, controle e formação para reprodução da ideologia do aparelho ideológico de Estado. Porém, “se a mudança faz parte necessária da experiência cultural, fora dela não somos, o que se impõe a nós é tentar entendê-la na ou nas suas razões de ser. Para aceitá-la ou negá-la devemos compreendê-la, sabendo que, se não somos puro objeto seu, ela é tampouco o resultado de decisões voluntaristas de pessoas ou de grupos” (FREIRE, 2000, p. 31).

A superação do esgotamento da identidade ético-política da profissão, exige a retomada ao projeto de formação permanente centrada na escola, fundamentada no aporte teórico-metodológico da pedagogia histórico-crítico, sobretudo ao pressuposto da teoria da educação freireana, focado no método dialético-dialógico, comprometido com a formação da consciência crítica, capaz de melhorar a qualidade da docência e gestão do pedagógico, para ajudar o estudante na inteligibilidade das coisas.

Como ser humano, não devo nem posso abdicar da possibilidade que veio sendo construída, social e historicamente, em nossa experiência existencial de, intervindo no mundo, inteli-gi-lo e, em consequência, comunicar o inteligido. A inteligência do mundo, tão apreendida quanto produzida e a comunicabilidade do inteligido são tarefas de sujeito, em cujo processo ele precisa e deve tornar-se cada vez mais crítico (FREIRE, 2000. p. 31).

Pensar a educação como processo de formação de sujeito histórico, conectado ao princípio da liberdade, a vocação ontológica de ser mais na perspectiva da humanização, significa comprometer-se com o desenvolvimento da autonomia pedagógica e emancipação humana. Assim, em tempos de ensino remoto e presencial, o nosso compromisso de educadores/as humanistas é criar as condições pedagógicas para a formação de sujeitos coletivos, para envolver-se na luta por nossos direitos que garante a igualdade como princípio educativo, porque todos são cidadãos, com a finalidade social de reconstrução da humanização e dignidade de vida. Historicamente, de acordo com Arroyo (2019),

o pensamento pedagógico, desde suas origens, defronta-se com uma dúvida: a que grupos sociais e políticos reconhecer como humanos, educáveis, humanizáveis? A Paideia reconhece somente os homens livres, pensantes, dirigentes da Polis. A crença na educabilidade, humanidade, não se aplica aos Outros, aos trabalhadores manuais, às mulheres, aos escravos (ARROYO, 2019, p.5).

Assim, de fato, o pedagogo/a potencializa e atualiza a finalidade social da educação e o processo ensino-aprendizagem, para formação da subjetividade humana, num movimento dialético-dialógico da práxis humana, como caracteriza a Lei de Diretrizes Base da Educação (LDB, 9394/96), Art. 1º “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organização da sociedade civil e manifestações culturais”. A determinação é que, conforme o parágrafo 2º, “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (BRASIL, 1996).

Na práxis do ensino remoto ou da proximidade da sala de aula, antes de tudo, é importante a compreensão de que a educação visa a formação do humano-histórico que se afirma como sujeito. Nesse sentido, conforme Paro (2011, p.28), “a ação pedagógica só pode dar-se supondo educandos que sejam sujeitos”. Portanto, o ato de “se ser humano-histórico é um ato de vontade do indivíduo” (Ibid.). O que caracteriza que o ato de educar depende de um ato de vontade de sujeitos, por isso que a relação pedagógica entre educadores/as e estudantes, somente ganha sentido quando ambos são considerados como sujeitos no processo de ensino-aprendizagem. Diz Paro (2011), “educar-se

é, portanto, um verbo reflexivo. A boa didática deve começar por envidar todos os esforços para produzir no educando a vontade de educar-se” (Ibid., p.28-29)

Neste sentido, o ato formativo-investigativo que mobiliza a escuta e diálogo, para que o outro queira aprender implica levar a agir de acordo com sua vontade. A dialogicidade freireana está vinculada a responsabilidade com a transformação social. Aqui está a convergência da pedagogia freireana, para que o aprendizado se realize, num ato de comunicação para o desenvolvimento da sensibilidade, criação e recriação do mundo e da vida, porque “Todo tempo educativo é tempo de pergunta e de respostas, tempo de disciplinar, de sistematizar a própria pergunta” (FREIRE, 2018, p.40).

O ato de assumir o diálogo como método, tem relação direta com o respeito aos diferentes saberes, ao mesmo tempo, compreender que o processo educativo em que considera educador/a e estudante, é um direito de todos pronunciar a palavra que confere a autenticidade do ato pedagógico. Logo, “não há então uma situação pedagógica sem um sujeito que ensina, sem um sujeito que aprenda, sem um espaço-tempo em que estas relações se dão e não há situações pedagógicas sem objetos que possam ser conhecidos (FREIRE, 2018, p. 41).”. Da mesma forma, que “não há situação educativa que não aponte a objetivos que estão mais além da sala de aula, que não tenha a ver com concepções, maneiras de ler o mundo, anseios, utopias” (Ibid. p.41-42).

O tempo da prática pedagógica do pedagogo/a é para o novo: sujeitos, lutas, direitos para reconstrução da humanização perdida e vida digna. É tempo de pensar que a vida humana, no aspecto de sua construção e mobilização criativa, é indissociável da materialidade da vida, é inseparável do projeto de civilidade e governabilidade do estado, distribuição de riqueza e renda. Por isso, que no processo de ensino-aprendizagem, para a mediação pedagógica e organização do trabalho pedagógico na escola, o/a professor/a necessita de formação teórica e metodológica para leitura crítica da realidade. Assim a pedagogia como articuladora de um projeto de sociedade, associa-se a luta política básica, contra a desigualdade social e econômica que está submetido os pobres.

Na perspectiva do pensamento educativo freireano, a atividade pedagógica é movida por um objetivo da formação de sujeito como síntese do humano histórico. Por isso, que na condição de humano histórico, a história é possibilidades. A liberdade compõe a condição humana, por isso que se pode fazer opção para seguir um caminho, um projeto de educabilidade. Assim, o trabalho docente é mediação para chegar a um fim. O desafio no ensino, está na condição de desenvolvimento da atividade docente, para além da necessidade posta pela ordem estabelecida pelo sistema.

O ato de criar possibilidades frente ao real, exige do educador/a uma atitude ética. Porém,

Estou convencido de que nenhuma educação que pretenda estar a serviço da boniteza da presença humana no mundo, a serviço da seriedade da rigorosidade ética, da justiça, da firmeza de caráter, do respeito às diferenças, engajada na luta pela realização de sonho da solidariedade pode realizar-se ausente da tensa e dramática relação entre autoridade e liberdade (FREIRE, 2000, p. 37-38).

O ato que leva “aceitar ou recusar a mudança que se anuncia é estar aberto à novidade, ao diferente, à inovação, à dúvida. Qualidades da mentalidade democrática de que tanto necessitamos e que têm nos modelos referidos um grande óbice” (Ibid. p. 40. Grifo do autor). Nesta perspectiva, a práxis pedagógica, ganha sentido quando move o coração e impulsiona o estudante à busca da liberdade como substrato do processo de pensar, construir e agir socialmente. Aqui neste ponto é que entra a visão antropológica de Freire, da amorosidade, coerência, humildade e acolhimento que possibilita e capacita, para que o outro possa assumir a condição de sujeito da aprendizagem. Portanto, é o caráter fundamental da ética, da práxis educativa, é que conferir o ato de tornar-se humano, no processo de crescimento pessoal e social.

Compreendo que o que fundamenta a prática pedagógica do/a pedagogo/a, tem relação indissociável da vocação ontológica, a busca para humanizar-se. Na perspectiva da educação libertadora, comprometida com o esclarecimento, liberdade humana e transformação social, o/a educador/a deve:

[...] engajar-se na luta por sua libertação. [...] Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador (FREIRE, 1988, p.62).

A concepção de educação e a prática pedagógica freireana, como ato de comunicação, implica buscar ser com os outros, porque o “pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação” (*Ibid.*, p. 64), que conduz a fazer opção para seguir pelo caminho de sujeito histórico, que contrapõe toda lógica de dominação, desumanização e colonização da consciência. Para mudar a sociedade, a escola, faz-se necessário compreendê-la bem, ou seja, construir uma inteligibilidade da realidade investigada. Mas, a prática pedagógica, para ser transformada é fundamental, a produção de uma reflexão da e sobre a mesma, visando a construção de outro modo de desenvolvê-la, em sua relação do processo de ensino-aprendizagem de melhor qualidade social.

O tempo de hoje e também os professores, estudantes, não são os mesmos pensados e vivenciados na prática pedagógica de outrora. Por isso, a necessidade de olhar o mundo, a realidade na sua complexidade, para pensar o presente e o futuro da educabilidade humana. Lembre-se que tudo está interligado e que no contexto da prática intercrusa diferentes concepções de projeto de civilidade. O importante é perceber que na atualidade, para a formação

permanente é imprescindível o contexto da tecnologia, o problema que precisa ser refletido é que o ensino remoto, híbrido, não transforme num instrumento de adaptação dos processos educativos às inovações da tecnologia.

A tecnologia pode fazer parte do trabalho pedagógico, desde que seja usada como ação mediadora, a serviço da finalidade social da educação e processo de ensino-aprendizagem. Compreendo, assim como Cortella (2014, p. 53) que a “tecnologia em si não é sinal de mentalidade moderna, o que moderniza é a atitude e a concepção pedagógica e a social que se usa e, assim, uma mentalidade moderna lança mão da tecnologia por incorporar-se aos seus projetos, e não simplesmente por ser tecnologia”.

Nesta perspectiva, o ensino remoto, pode-se ser adotado, como um instrumento transitório, para o tempo da pandemia. Porém, mesmo no túnel da travessia da existência, a arena da educação como ato de comunicação, perde a sua razão significativa distanciando da conectividade, “da capacidade de comunicação direta, de trabalho docente, da formação” (CORTELLA, 2014, p.54), que requer a proximidade do ato pedagógico. O que compete ao professor/a é criar as condições pedagógicas, para que o estudante se envolva no processo de reflexão, visando a elaboração superior do conhecimento.

Na pedagogia social freireana, seja remoto ou presencial, o pedagogo/a para mobilização de sua prática pedagógica, necessita a tomada de consciência de que o ato educativo na escola, é inseparável da realidade socio-político-econômico da atualidade. Dessa forma, é fundamental que a prática seja alimentada na pesquisa, porque leva ao envolvimento no processo de produzir conhecimento com uma ação de descobrir e desvelar o mundo que está inserido.

No exercício investigativo-formativo, em que a realidade histórica e o agir é colocado como objeto de reflexão, possibilita a construção um novo olhar sobre o mundo, a educação, o ser humano e processo de ensino aprendizagem. Isso justifica estudar Freire como aporte teórico-metodológico, dialético-dialógico que impulsiona o educador/a e estudante ao desenvolvimento da curiosidade epistemológica, como ponto fulcral de humanização, formação da consciência crítica e transformação social.

Pensando numa ponte edificadora que impulsiona a reflexão da práxis pedagógica do/a pedagogo/a na escola. Caracteriza-se como ponto de partida, no contexto de nossa reflexão, a condição humana do/a professor/a no limite do tempo histórico, em que sua prática pedagógica está submetida, no caso aqui ao ensino remoto. A realidade objetiva do ensino na atualidade, desafia a prosperar na exigência necessária, para a construção da empatia que conduz a uma prática inova-

dora, que sinaliza outro caminho educativo libertador inseparável da situação educativa, em que o /a professor/a precisa tomar consciência política, que no ato pedagógico a presença de sujeito, num espaço tempo a serviço da produção de saber, numa relação dialética-dialógica no processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 2018).

Frente o ato de ensino remoto, mediado pela tecnologia, causa medo, ao mesmo tempo, desafia a ousadia de buscar outro caminho que aproxima a escola, o estudante e o/a professor/a, para o desenvolvimento do trabalho docente, enquanto ato impulsionador da aprendizagem significativa. Na perspectiva da pedagogia e práxis pedagógica freireana é a curiosidade epistemológica que evoca a busca e a produção da abundância de conhecimento, para o desvelamento dos problemas da prática e assim oferecer suporte para inventar novas perspectivas político-sociais de vida.

Portanto, é a sua formação e experiência que sustentam a imaginar novas alternativas pedagógicas. Mas, o/a pedagogo/a para superação do desafio hoje, que apresenta a educação e prática pedagógica, faz-se necessário sair do que circunscreve o ensino remoto, para pensar a educação enquanto prática social para o esclarecimento e desenvolvimento da sociedade e emancipação humana. Compreendo que o maior desafio para os profissionais da educação, tem relação inseparável da abertura e ato de vontade, para pensar uma pedagogia libertadora, comprometida com uma práxis transformadora. Isso implica contrapor a institucionalização da educação, que prioriza a “padronização, quantificação e economização do processo educativo”, associada a lógica do mercado que descaracteriza a relevância das demandas pedagógicas (FLICKINGER, 2019, p. 161).

Nesta perspectiva, fundamental assumir a pedagogia crítica, como paradigma para a formação e práxis do/a pedagogo/a, que baliza a reconstrução do humanismo despedido no processo histórico. Na pedagogia social freireana, não existe ensino sem conteúdo, o que precisa é ter uma sólida formação, compreensão e capacidade política, ética e técnica, para selecionar o que transforma em mais significativo, para o desenvolvimento da formação da consciência crítica do estudante. Mas, para que o ensino se transforma em significativo, faz-se necessário o método. A discussão aqui está fundamentada na dialético-dialógico, como rigorosidade do processo e ato de ensino-aprendizagem. Para articulação do conhecimento nas práticas educativas, toma como caminho metodológico o tema gerador.

No horizonte da prática pedagógica do pedagogo/a, a lição que se pode ser extraída, no tempo de distanciamento social, provocado pela pandemia, é que o ato pedagógico mediado pela tecnologia, tem como exigência necessária, o desejo e abertura do estudante, para construção de uma nova disciplina para o estudo. Essa situação também requer do/a professor/a, o envolvimento ativo e criativo na construção de autonomia pedagógica, a fim de possa impulsionar o estudante a formação da consciência crítica, bem como a autonomia no processo estudo e aprendizagem.

Na concepção da pedagogia freireana, o que precisa ser compreendido é que tudo isso – formação, prática do pedagogo, ensino remoto, pandemia, tem uma relação complexa entre a vida pessoal, social e profissional, para o desenvolvimento do trabalho e estudo de qualidade social. Na prática no ensino remoto, o/a professor/a trabalha mais, sem a devida percepção de sua produção. Assim a visibilidade que fica, no substrato da prática docente, é a pedagogia da ausência, que produz o vácuo da proximidade do encontro e diálogo entre professor/a e estudante, no ato de ensino e aprendizagem.

Na complexidade de ensino remoto e pós-remoto, a temporalidade que aponta é para a recepção do olhar para o horizonte do ouvir, perguntar, pensar, ensinar e resolver problemas da realidade. Para tanto, é importante compreender que o mundo se movimenta na contradição, por isso que tudo muda. No espaço de contradição da escola, como Gadotti (2008), espera-se que o/a professora tenha sensibilidade para ensinar, aberto para aprendizagem permanente capaz de construir narrativas que seduz o estudante para o estudo. Espera-se que saiba pesquisar, mobilizar a sala de aula, significar a aprendizagem do professor e dos alunos. Espera-se que saiba trabalhar coletivamente, que seja solidário e ético, pois, “Bom professor enxerga longe, porque os alunos vão enxergar até onde o professor enxerga” (GADOTTI, 2008, p. 106). Enfim, espera-se que a escola tenha

um projeto político pedagógico e de formação permanente dos professores. Porque “uma escola sem projeto não é uma escola, é uma fábrica de adestramento” (Ibid.)

Considerações

A discussão teórica proposta neste encontro com os/as educadores/as pedagogos/as teve como princípio a educação libertadora de Paulo Freire. A perspectiva crítica, freireana, desperta para a defesa da prática educativa que liberta das amarras das políticas educacionais que imprimem na educação o caráter mercadológico, com propósito claro para resultados em avaliação externas, desconsiderando a sua função social, inclusiva dos sujeitos que dela fazem parte.

Devido às questões que não são desveladas inicialmente às escolas, é que se fazem necessárias problematizações capazes de levar a repensar o que está posto, de estranhar e de buscar compreender a realidade e as condições que se apresentam. O ensino remoto, no período de 2020/2021, mostrou fragilidades na comunidade escolar como não havia acontecido em outro momento. As dificuldades de acesso de professores e alunos, das famílias sem recursos tecnológicos e sem internet, os desafios de acompanhamento dos professores e pais a cada estudante foram algumas situações que emergiram nesse contexto. Toda essa realidade foi problematizada no decorrer da formação, e ao final se mostrou necessária e importante o diálogo com todos os profissionais, reafirmando as possibilidades que a base freireana de educação pode promover no fazer pedagógico do/a professor/a, como condição para emancipação humana, comprometida com a construção de outro projeto de educabilidade, fundamentado na práxis educativa libertadora.

Referências

- ARROYO, M. G. *Paulo Freire: Outro Paradigma Pedagógico?* EDUR. Educação em Revista. 2019.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- CORTELLA, M. S. *Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes*. São Paulo: Cortez. 2014.
- FLICKINGER, Hans-georg. “A institucionalização da educação em questão”. In: Formação humana (Bildung) despedida ou renascimento? Cláudio Almir Dalbosco, Eldon Henrique Muhl, Hans-georg Flickinger/Org/ - São Paulo: Cortez. 2019. p. 159-174.
- FRANCO, M. A. S. *Pedagogia como ciência da educação*. 2ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Cortez. 2008.
- FREIRE, P. *Pedagogia do compromisso: América Latina e Educação Popular/organização Ana Maria Araújo Freire/Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2018.*
- FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp. 2000.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 18ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.
- FREITAS, A. L. S. *Pedagogia da conscientização: um legado de Paulo Freire á formação de professores*. 3ª. ed - Porto Alegre: EDIPUCRS. 2004.
- GADOTTI, M. *Reinventando Paulo Freire na escola do século 21*. In: Reinventando Paulo Freire no século 21. Carlos Alberto Torres. (et al) - São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. p. 91-107.
- PARO, V. H. *Crítica da estrutura da escola*. São Paulo: Cortez. 2011.
- SHOR, I. *Medo e ousadia – o cotidiano do professor/ Ira Shor, Paulo Freire/ Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1986.*